

JORNADA DE TRABALHO REAL E INVISIVEL: UMA ANÁLISE SOBRE O COTIDIANO DE DOCENTES EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS

Karine Vanessa Perez (UFRGS / Unisc) - karinevanessaperez@gmail.com

Resumo:

Este trabalho se propõe a analisar como a jornada de trabalho de professores universitários de instituições de ensino superior (IES) impacta na saúde desses. Para desenvolver esta discussão tomou-se como base os resultados de uma dissertação de mestrado que teve como foco a saúde mental de docentes do ensino superior privado do Rio Grande do Sul. Por meio das entrevistas realizadas com 18 professores foi possível perceber que os docentes se sentem sobrecarregados com as suas atividades acadêmicas e não conseguem atender as demandas colocadas pelas instituições com satisfação. Isso se deve ao fator de que estes trabalhadores não conseguem dar conta de suas atividades durante a carga horária prevista e pela qual são remunerados. Desse modo, passa a fazer parte do cotidiano o trabalho ligado a universidade em horários que deveriam dedicar-se a outras atividades como, por exemplo, lazer, convívio familiar e social, cuidados com a saúde (atividade física, alimentação saudável, sono) o que acaba provocando um desgaste generalizado e, como consequência, adoecimento físico e mental.

Palavras-chave: *trabalho docente; jornada de trabalho; saúde do trabalhador; ensino privado.*

Área temática: *GT-06 Diálogos sobre o Trabalho*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se a uma discussão desenvolvida a partir de uma pesquisa realizadas com docentes do ensino superior do Estado do Rio Grande do Sul. Pretende-se apresentar os resultados relativos as informações levantadas sobre o cotidiano de trabalho dos docentes, especialmente no que se refere a jornada de trabalho, tanto a formal como a informal e que não é reconhecida, não é remunerada e que invade a vida familiar e social, trazendo consequências danosas à saúde dos trabalhadores neste contexto.

Este texto inicia contextualizando a educação superior no Rio Grande do Sul onde será discutido teoricamente as relações existentes no mundo do trabalho, a repercussão deste na saúde e no adoecimento dos trabalhadores em geral e principalmente dos trabalhadores em educação, que neste caso se refere aos professores universitários. Em seguida serão apresentados os passos metodológicos utilizados, os resultados obtidos, a discussão destes resultados e as considerações finais proporcionadas por estes estudos no que diz respeito a jornada de trabalho. Finaliza-se então, com algumas recomendações consideradas pertinentes ao tema estudado.

Por jornada de trabalho estendida entende-se que seja aquela que vai além da carga horária remunerada ao trabalhador para que este desenvolva seu trabalho. Refere-se ao tempo extra-classe que o professor não é pago, mas precisa trabalhar para “dar conta” das atividades que envolvem o cotidiano docente, como planejamento e preparação de aulas, correção de trabalhos e provas, orientações aos alunos, que podem ocorrer de diversas formas, mas especialmente por meio das novas tecnologias de informação, entre outras tarefas.

2 MUNDO DO TRABALHO E DOCÊNCIA: O FATOR DA JORNADA DE TRABALHO INVISÍVEL

O ato de trabalhar está intrinsecamente relacionado ao modo com que o ser humano interage com o mundo, provocando mudanças em seu meio e ao mesmo tempo, sendo modificado por este: é um movimento externo e interno. Para Marx (1982) o trabalho é, antes de qualquer coisa um processo em que os seres humanos se relacionam com a natureza a partir de suas próprias ações.

O trabalho, segundo Heloani e Lancman (2004) assume um papel essencial na elaboração da identidade dos sujeitos. Isso se refere a sua implicação nas diversas formas de constituição e inserção social. Assim o trabalho é percebido como elemento central na formação e manutenção de redes sociais e afetivas o que se torna uma base para a vida humana e em sociedade.

É por intermédio do trabalho que os indivíduos se deparam com suas necessidades e desejos subjetivos, bem como constroem um espaço no coletivo de trocas. Também é o trabalho que proporciona a mais significativa fonte de reconhecimento social, sendo que a vivência de um não-trabalho representa uma espécie de morte do sujeito social, já que acarreta sentimentos de baixa autoestima e inutilidade (FREITAS, HELOANI e BARRETO, 2008).

O trabalho educativo é uma das atividades mais presentes na evolução da humanidade. Os processos que envolvem a educação se desenvolvem nas relações de pessoas e de gerações. “Toda relação educativa será o encontro dos mestres do viver e do ser, com os iniciantes nas artes de viver e ser gente” (ARROYO, 2000, p. 10).

Para Arroyo (2000) é preciso recuperar os indivíduos como atores centrais na questão da educação, no sentido de restaurar a função dos sujeitos na ação educativa. Enfatiza também um retorno da centralidade das relações entre educadores e educandos, que se deve situar a atividade de mestre no centro da reflexão teórica, em que os conteúdos e os métodos, a gestão e a instituição se configuram como mediadores desta relação pessoal e social.

As instituições, os métodos e os conteúdos, os rituais e as normas que são mediadores deste diálogo, convívio e encontro de gerações, roubaram a centralidade dos sujeitos e passaram a ser o centro do imaginário social sobre a educação (ARROYO, 2000, p. 10).

Segundo Basso (1998), o trabalho docente é percebido em totalidade, e por isso, não se pode reduzir a uma simples soma das partes e sim voltar o olhar para as relações fundamentais e em meios articulados. A particularidade presente no trabalho docente, desse modo compreendido, pressupõe a análise das relações entre as condições subjetivas e as condições objetivas desta atividade laboral.

A educação superior no Brasil, especialmente, tem representado um importante fator para o atual cenário econômico e social de forma que a pesquisa e a inovação representam fatores que agregam valor à economia baseada no conhecimento. No país, a

formação superior tem sido realizada, em grande escala, nas instituições de ensino privadas (FERNANDES; GRILLO, 2001).

Uma das transformações mais relevantes no século XX foi a propagação do ensino superior a diferentes públicos e classes sociais e não exclusivamente à elite brasileira, como tradicionalmente se construiu a educação brasileira. Um estudo sobre os estudantes universitários e a relação com o trabalho no início dos anos de 1990, mostrou que estudantes provenientes de famílias com rendas de até seis salários mínimo correspondiam a cerca de 12% dos matriculados em estabelecimentos privados e 11% em estabelecimentos públicos. Este estudo também concluiu que tanto nas instituições privadas quanto nas públicas a proporção de estudantes em que suas famílias tinham renda acima de 10 salários mínimos ultrapassa os 60%, o que significa que não são os menos favorecidos que frequentavam o ensino privado (CARDOSO; SAMPAIO, 1994).

O cenário atual da educação superior, particularmente no Brasil, demonstra um grande avanço no acesso ao ensino superior por diferentes classes sociais. Este momento apresenta um movimento de descentralização de cursos e instituições de ensino superior que tendem a competir, especialmente no setor privado (COGO, 2008). Isso também se refere a um movimento de interiorização das universidades em que estas passam a ser propostas no interior dos estados brasileiros.

Pode-se perceber que a atividade de ensino, de modo geral no âmbito brasileiro, passou por significativas transformações nos últimos anos. Essas mudanças foram especialmente alavancadas pelo momento sócio econômico vivido em que o neoliberalismo, as novas modulações do capitalismo e a financeirização das relações e práticas de trabalho afetaram os mais diversos contextos laborais, incluindo a educação, seja ela básica ou superior (MELLO, 2010).

O professor ideal agora é um híbrido de cientista e corretor de valores. Grande parte do seu tempo deve ser dedicado a preencher relatórios, alimentar estatísticas, levantar verbas e promover visibilidade para si e seu departamento. O campus vai se reconfigurando num gigantesco pregão. O gerenciamento de meio acabou se tornando fim na universidade. A idéia é que todos se empenhem, no limite de suas forças... (SEVCENKO, 2000, p. 7).

Os novos modos de gestão adentraram também as instituições educacionais e não é incomum perceber fatores como competitividade e concorrência desleal, produtivismo focado no quantitativo competição, individualismo e percepção do outro como

concorrente. Tais fatores acarretam uma quebra no coletivo, desfavorecendo a construção de laços sociais, tão importantes para a satisfação do ser humano em comunidade.

Assim evidencia-se que o trabalho docente, na contemporaneidade, tem caráter flexível e é composto por facetas que se referem a demandas de atividades incessantes, e que nem mesmo em período de férias deixam de estar presentes. Facilitada a partir da introdução de novas tecnologias, a jornada de trabalho é ao mesmo tempo intensiva, que diz respeito a uma aceleração na produtividade, e extensiva que representa um maior tempo destinado ao trabalho.

Cardoso (2009) nos diz que as exigências pela utilização do trabalho no tempo de não trabalho avançam em todos os espaços sociais e nos espaços da vida. Esta autora aborda a questão sobre os tempos de trabalho e de não trabalho, este último considerado o período em que o trabalhador “pensa” sobre o trabalho, procura soluções para os problemas, gasta em seu deslocamento, entre outros fatores. Neste trabalho serão abordadas as atividades realmente desenvolvidas pelos docentes pesquisados, em suas horas de folga, muitas vezes não reconhecidas e não remuneradas, mas que são consideradas como atividades laborais.

Além das atividades dos docentes realizadas na instituição de ensino superior existem outras, aquelas que são desenvolvidas geralmente em momentos ditos de “folga” e que se referem a atividades que nem sempre são computadas na carga horária dos professores e quando são, é feito de modo parcial como uma presunção. Essas atividades se tratam de participações em entidades colegiadas, comissões e conselhos ligados a universidade. O tempo investido em atividades que incluem a captação de recursos, elaboração de pareceres científicos, alimentação de sistemas de avaliação, envolvendo também planilhas de notas e frequência de alunos. Sendo assim, a relação que se estabelece com o tempo, onde o tempo no trabalho e o tempo fora dele misturam-se, confundindo os momentos fora do trabalho com um aqueles vivenciados no trabalho, sendo que o lazer, o ócio e o descanso são deixados de lado em função da necessidade de se dedicar as atividades relacionadas à docência (MANCEBO, GOULART, DIAS, 2010).

[...] vai-se fisicamente para casa, mas o dia de trabalho não termina, pois as “tarefas” são muitas, além das inovações tecnológicas possibilitarem a derrubada das barreiras entre o mundo pessoal e o mundo profissional (celulares e principalmente e-mails) (MANCEBO, GOULART, DIAS, 2010, p.09).

Desse modo, observa-se que a real jornada de trabalho, aquela que é cumprida de fato, expandiu-se, entretanto, a carga horária computada nas estatísticas de pesquisas como 40 horas somente, pois é o máximo possível pela legislação trabalhista brasileira. Isso “mascara” os dados, fazendo com que o trabalho real fique obscurecido pelos dados calculados a partir do trabalho prescrito. Tal situação pode ser comprovada por meio dos relatos dos docentes que afirmaram sacrificar o tempo livre, finais de semana e até mesmo férias para viabilizar o cumprimento da demanda de trabalho real e atender as atividades solicitadas pela instituição (MANCEBO, GOULART, DIAS, 2010).

3 METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida na realização da pesquisa com professores universitários do setor privado fundamentou-se, tanto teoricamente quanto metodologicamente na Psicodinâmica do Trabalho (PdT). Tem como base de análise as fases propostas pela PdT que se refere a pré-pesquisa, incluindo a formação do grupo de pesquisadores; a pesquisa propriamente dita que diz respeito ao desenvolvimento da pesquisa de campo, englobando a análise da demanda, a análise do material de pesquisa, as entrevistas, a caracterização dos trabalhadores participantes e a observação clínica; a interpretação do material; e validação desenvolvida a partir da perlaboração (DEJOURS, 2004a; MENDES, ARAÚJO, 2011).

Como instrumento de levantamento de informações, foram desenvolvidas entrevistas individuais semiestruturadas com 18 professores universitários que atuavam em diferentes instituições de ensino superior privadas.

As entrevistas estão inseridas na abordagem qualitativa, sendo que o principal elemento é a palavra que busca expressar as relações sociais e suas transformações (MINAYO, 1996, 1999). Constitui um encontro entre duas pessoas com o objetivo de que uma delas, neste caso pesquisador, obtenha informações a respeito de um determinado tema, por meio de diálogo profissional (MARCONI; LAKATOS, 2003)

A entrevista semiestruturada é constituída por perguntas abertas que tem a função de guiar a investigação, sendo que nem sempre todas as perguntas previamente elaboradas são utilizadas e, às vezes, novas perguntas podem ser incluídas na entrevista conforme necessidade da investigação, o que é avaliado no momento da entrevista pelo pesquisador (MARCONI; LAKATOS, 1999).

As perguntas que compuseram o roteiro da entrevista semiestruturada se referem, além dos dados iniciais como idade, gênero e formação, a informações sobre o cotidiano de trabalho dos professores universitários. O foco da entrevista estava alinhado aos objetivos desta pesquisa, bem como nas questões que envolvem a organização do trabalho e o possível elo com o sofrimento.

4 SAÚDE E TRABALHO DOCENTE: QUAL É O IMPACTO DA JORNADA DE TRABALHO?

Nesta parte serão apresentados os resultados a partir do tema jornada de trabalho, de acordo com o levantamento de campo de pesquisa desenvolvido com professores ensino superior privado, buscando identificar os impactos causados pela precarização do trabalho docente, especialmente no que diz respeito a jornada de trabalho extensiva e invisível.

O trabalho docente não se distingue de outras categorias profissionais em relação à saúde ou doença. Atualmente, a pressa, a grande quantidade de informações com as quais somos invadidos diariamente, o individualismo, as inúmeras cobranças por excelência, somadas as inúmeras crises sociais vivenciadas no cotidiano podem tornar-se motivos de adoecimentos físicos e/ou psíquicos que hoje são foco de pesquisa no campo da saúde e trabalho, especialmente da Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS, 1999) e das Clínicas do Trabalho (BENDASSOLLI e SOBOLL, 2010).

Esses efeitos nocivos à saúde dos trabalhadores da educação que, quando provocados pelo trabalho, acarretam sofrimento psíquico e deixam de ser uma questão individual e subjetiva para ser percebida pelo coletivo como forma de gestão do trabalho. As patologias de sobrecarga, Síndrome de Burnout e/, o Transtorno de Estresse Pós-Traumático, além dos transtornos relacionados a ansiedade e depressão são os indicativos mais claros desse sofrimento.

Não é incomum que período de férias e feriados por exemplo sejam direcionados para “colocar o trabalho em dia”, o que significa trabalhar na preparação de aulas, projetos, escrever artigos, dar conta de leituras que ainda não foram feitas dentre outras solicitações institucionais e do meio acadêmico e que diz respeito ao trabalho docente (LOPES; MANCEBO, 2004; MANCEBO, 2007). Tais fatores foram claramente percebidos no decorrer das entrevistas:

[...] a gente não ganha hora aula, por exemplo, pra botar todo o material, todas as aulas no portal, e a gente é obrigado no início do ano, por exemplo, as férias de julho, não é férias, porque os quinze dias de férias, de um mês de férias, a gente fica 15 dias em função de botar a aula no Portal, de preparar a aula [...].

[...] então é algo assim tu tem que ser multifacetado, é aquela coisa assim tu tem que tá em sala de aula, tu tem que chegar em casa e não dá tempo [...] o drama de ter que responder e-mail todos os dias, agora não, não é só e-mail, tem as redes sociais que tu tem que manter atualizada, [...] então de alguma forma tu acaba indo por sugestão, tu acaba fazendo, mas é uma prisão né, porque daí tu sai do trabalho, tu chega em casa e continua trabalhando... [...].

O tempo despendido para o desenvolvimento do trabalho acadêmico ultrapassa os limites físicos da instituição, pois “[...] o trabalho não é, como se acredita frequentemente, limitado ao tempo físico efetivamente passado na oficina ou no escritório. O trabalho ultrapassa qualquer limite dispensado ao tempo de trabalho; ele mobiliza a personalidade por completo” (DEJOURS, 2004b, p.30). Conforme os relatos abaixo, pode-se perceber que o tempo que o trabalho toma na vida dos professores é extremamente alto.

[...] isso tem que mudar, o professor não pode ser um simples empregado que vai e volta, porque a gente leva um horror de trabalho para casa e a gente não ganha para isso, não tem como não levar trabalho para casa, é impossível isso, então isso eu acho muita exploração.

[...] então o meu dia a dia de trabalho lá é assim, eu entro 7h40 e não tenho hora pra sair... [...].

Ahm, eu levanto, venho para cá em torno das 8, 8:30 da manhã, e aí eu fico desenvolvendo minhas atividades de pesquisa, de orientação e fazendo as minhas preparações de aula, até em torno das 5 e meia da tarde, 7 e meia, quando começa realmente as aulas, e aí eu fico até as quinze pras onze [da noite], mais ou menos é isso.

[...] eu acordo, eu já ligo o computador... eu faço isso, então, se tiver, os e-mails é a primeira coisa que eu leio, então, eu leio, mas nem sempre o fato de eu ler não significa que eu responda, às vezes eu olho e tô afim, acho que é a hora de responder aquilo que é mais urgente, eu já respondo, então se eu considerar isso um trabalho, parte do trabalho, essa lida e etc., no mínimo uma hora a mais por dia na semana, no mínimo, se eu não fizer mais nada, só em função de e-mails e tal, mas aí, por exemplo, eu dou alguns telefonemas em casa [...].

O trabalho que se desenvolve em horários para além da carga horária, representado pela elaboração das aulas e atividades, correção de provas e trabalho, não é percebido pela instituição pelo fato de ser desenvolvido na maior parte das vezes em casa

ou até mesmo em momentos de intervalo mas na própria instituição. Isso faz com que não seja possível a obtenção do devido reconhecimento por parte da instituição de que isto também compõe a carga horária de trabalho semanal.

E-mails a serem respondidos, celulares que tocam em casa e computadores portáteis garantem que o trabalho acompanhe o professor, para além dos muros da universidade, nos momentos institucionalmente destinados ao descanso e lazer. O professor vai fisicamente para casa, mas o dia de trabalho não termina, pois as inovações tecnológicas possibilitam a derrubada das barreiras entre o mundo pessoal e o mundo profissional (MANCEBO, 2007, p.77).

Percebe-se também que até mesmo a alimentação fica comprometida, pois a partir da fala dos professores muitas vezes não há possibilidade de sair do seu local de trabalho para se alimentar em função da grande carga de trabalho que lhes são demandadas.

Nossa, eu nem sei... é envolvido 24 horas com o trabalho [...]. Quando eu chego lá às 1h30min, eu não levanto nem pra comer, eu não faço intervalo, eu como, eu levo coisas, ou busca com colegas, vai buscando o que as pessoas têm nas gavetas, porque eu não faço intervalo, eu toco direto até às 10 da noite que é o horário que encerra [...].

[...] o meu dia a dia é extremamente corrido, não sobra lugar na agenda assim, é extremamente fechada, então até os dias os horários pra ir no bar, ah, tem dias que eu sei que eu vou ter que trazer comida de casa, porque eu sei que não tenho tempo pra ir no bar e parar uma meia hora pra espalhar... então na verdade é uma carga horária de 60 horas por semana, sendo 20h extraoficial [...].

Assim pode-se afirmar a existência de um trabalho invisível que não é remunerado, pois aos olhos da gestão ele não existe, já que é feito nas brechas e nos momentos de descanso desses trabalhadores. O trabalho docente, especialmente no caso dos professores contratados como horistas, é pago pelas horas trabalhadas em sala de aula, ou ocupadas com orientações e supervisões. A exigência para dedicação ao trabalho no campo acadêmico é algo que vai além do que está previsto na carga horária contratada.

[...] à noite eu tenho aula, daí de quatro períodos, o intervalo também, todos os intervalos da semana são ocupados com orientação, pra poder vencer, porque minha carga horária real dá em torno de 50 horas mais ou menos, que são cumpridas de terça a sexta-feira. [...] fora o que eu faço em casa, é na instituição é cumprida mais ou menos 50 horas de, porque assim, eu tenho só nessa parte administrativa de aula, estágio e tal, 40 horas, e aí eu tenho mais 10 horas de projetos de extensão, [...] que ficam por voluntariado, amor à camiseta vamos dizer assim entre aspas [...].

Ah, é bem corrido... porque eu tenho aula às 5 e meia, até às 7 e 10, das 7 e meia até às 10 e meia, [...] mas aí eu fico por ali com os alunos, que geralmente os alunos vêm falar com a gente e tal, e daí eu vou pra casa, durmo, quer dizer, eu acabo, eu to em casa, eu chego em casa, vou olhar e-mail enfim, às vezes vou preparar aula pro dia seguinte, têm dias que eu tenho supervisão [institucional]. [...] Então... é punk, [...] é supercorrido.

Sempre haverá um espaço entre o trabalho prescrito e o trabalho real que se refere à realidade que se apresenta. Com relação ao trabalho docente pode ser feita uma analogia com a questão da carga horária prescrita e a carga horária real. A primeira diz respeito àquela que efetivamente o professor é remunerado para trabalhar, enquanto a segunda se refere à carga horária real que o docente precisa trabalhar para dar conta das atividades demandadas pela instituição.

Trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real. Ora, o que é preciso fazer para preencher esta lacuna não tem como ser previsto antecipadamente. O caminho a ser percorrido entre o prescrito e o real deve ser, a cada momento, inventado ou descoberto pelo sujeito que trabalha (DEJOURS, 2004b, p. 28).

O trabalho pode ser definido como a interferência do sujeito às prescrições da organização do trabalho para que seja possível atingir os objetivos; ainda pode ser representado pelo que acrescenta de si mesmo para dar conta daquilo que não há como ser executado quando se atende rigidamente à prescrição da atividade. “[...] mesmo que o trabalho seja bem concebido, a organização do trabalho seja rigorosa, as instruções e os procedimentos sejam claros, é impossível atingir a qualidade se as prescrições forem respeitadas escrupulosamente” (DEJOURS, 2004b, p.28). Diante disso, o relato dos professores é que a carga horária prescrita, independente do regime de trabalho, é insuficiente para realizar todas as atividades que lhes são atribuídas, sendo necessário trabalhar muito além do que está previsto no contrato de trabalho.

[...] é o dobro, agora eu vou ter 25, no mínimo 50 horas, pra te ser bem sincera. 25 eu tenho lá dentro, mas mais umas 25 fora, no mínimo. Eu sempre coloco o dobro assim, daí é mais ou menos isso, umas 50 horas, tenho 25 carga horária lá, e realmente eu tenho 25, porque eu fico lá das 7h40min e não sei que horas eu saio então realmente [...].

[...] deve dá 60, sei lá quase 70 horas que eu faço, direto assim, claro, contando final de semana isso [...], por exemplo, eu não consigo cumprir às 40 horas se eu não fizer três turnos, como eu faço mais do que 40 horas, então eu poderia fazer de terça a sexta, manhã, tarde e noite vai dar mais de 40, mas

*como eu faço 60, então eu uso o intervalo também, pra poder dá conta [...].
[Carga horária prescrita 40 horas].*

[...] eu diria que, por exemplo, se eu tenho um semestre de 26 horas, minha carga horária verdadeira seria umas 60... fora também o tempo que eu fico aqui que eu não tô em aula...

Como pode ser visto, a carga horária prescrita pela instituição nunca é suficiente para dar conta da demanda de trabalho. Alguns relatam até mesmo trabalharem o dobro da carga horária formal (quando não for mais que o dobro), sendo que este número se eleva caso estejam ministrando disciplinas novas que exigem maior tempo de estudos e dedicação preparação das aulas e atividades.

Eu acho que a maior dificuldade é a disponibilidade de tempo, formalização do tempo fora sala de aula, como formalizar horas de preparo de material, de correção, deveria ter isso, isso é o maior problema, com certeza, não tem visibilidade né o que a gente faz em casa isso não aparece, que aquilo que eu disse que parece espontâneo, o trabalho aparece pronto, então tá tudo certo, então isso é o maior problema [...].

Para dar conta do trabalho, que deveria ser feito durante a semana e dentro da carga horária prevista pela instituição, os professores, em sua maioria, acabam fazendo uso dos finais de semana, um tempo que deveria ser dedicado ao descanso e outras atividades que não remetam ao trabalho. Além disso, percebe-se que esta prática de trabalhar aos sábados e domingos já foi incorporada pela categoria como algo que faz parte do exercício docente, mas que a longo prazo acarreta prejuízos em diversos âmbitos da vida dos sujeitos.

Porque assim ó, final de semana, por exemplo, eu não tenho final de semana. Sábado de manhã eu tenho projeto de extensão da faculdade, eu vou pra faculdade atender 2 horas que eu tô lá, de tarde eu tô na minha pesquisa, e eu chego em casa e vou pro computador, e vou quer dizer preparar aula [...].

[...] essa história de trabalhar final de semana tem que ser uma coisa esporádica, não pode ser uma coisa habitual, porque a gente tem que vida pessoal também, mas tô tentando lidar ainda, mas realmente eu não posso ter mais coisas... [...].

[...] eu detesto trabalha no sábado, acho horrível trabalhar no sábado, pra mim sábado é dia para dormir até mais tarde, é dia pra ver a minha família, dia pra mim sair com meus amigos, então independente disso o quanto mais vocês puderem fazer com que a gente não trabalhe no sábado, não por uma questão institucional, mas sim pela nossa saúde”, eu falei “melhor” [...].

A jornada de trabalho recorrente do trabalhador docente é permeada pelo excesso de atividades. Conforme os relatos dos participantes, essa grande quantidade de tarefas associada à limitação de tempo para realizá-las parece ser uma das maiores dificuldades do trabalho docente nas IES privadas.

É que é difícil, porque na verdade tu tem ter muitas horas em sala de aula para compensar ser professor, tem muita gente que trabalha, tem escritório fora e também leciona. Muitas vezes tu acaba assumindo disciplinas diferentes uma da outra, muita hora de preparação de aula, uma disciplina não tem nada a ver com a outra, cursos diferentes e tudo isso que é um problema [...].

[...] numa turma, por exemplo, de sessenta e sete alunos... no final do semestre três avaliações. Eu lembro que no semestre passado eu contei que eu tinha em uma semana pra fazer avaliação de, entre trabalhos e provas, oitocentos trabalhos/prova em uma semana. E alguns eram trabalhos de final de estágio que tinham 60 páginas, então, era no final do semestre que o volume fica muito grande e que a gente tenta distribuir as avaliações ao longo do semestre, mas acaba que não ficam... por exemplo, eu gostaria de fazer mais provas dissertativas. E nas turmas muito grandes eu faço duas questões dissertativas, mas assim já, pra corrigir 67, duas questões dissertativas mais as objetivas leva muito tempo... [...].

O excesso de atividades... às vezes tem coisas demais pra fazer e tem que priorizar e é difícil priorizar.

O trabalho docente tem também exige que os professores sejam multifacetados, ou seja, além do excesso de atividades que os professores precisam lidar cotidianamente, há também as diferentes atribuições de cada atividade que é um fator também indicado como fonte de desgaste que vão desde a elaboração de projetos diversos até a participação em reuniões, comissões e eventos institucionais, além de cargos de gestão.

Então, envolvida com tudo, porque lá são seis cursos de graduação, cada um tem um coordenador, mas a gente tem que cuidar de tudo. É muito cobrado toda hora, toda hora daquilo que o que você está fazendo. Então, nesse momento, hoje, eu terminei de fazer o projeto, o plano de desenvolvimento Institucional, todo o projeto da Instituição pro futuro, [...] então, que não é só da gente, mas se vai articulando, em função disso eu tenho muita reunião muita coisa [...].

[...] é como eu disse... a atividade do docente pesquisador que é o caso da pós-graduação ela é multifacetada, então não é só uma atividade que a gente concentra, a gente concentra em várias atividades, e o que mais, digamos cansa, um pesquisador, o que mais cansa no dia a dia é quando tu troca várias vezes de atividades, tu não te concentra numa só, tu tá numa atividade, aí para e concentra noutra e para... então se tu faz um rodízio grande de atividades ao longo do dia, tu acaba o dia cansado, isso é uma coisa que a gente tem que cuidar...

a grande quantidade de tarefas que alguns professores [...] mas vamos dizer assim que não são tarefas do dia a dia do professor que acabam chegando para ti e te desviam do teu foco de atenção, [...] eu acho assim a quantidade de temas diferentes que se tem ao longo de um dia, se fosse computar... olha é algo bem grande... [...] então essa sequência de chaveamento de contexto é para mim um pouco um complicador dentro do trabalho... [...].

A incorporação de novas tecnologias faz surgir adversidades impossíveis de serem previstas antecipadamente. Estas dificuldades acabam sendo minimizadas e até menos negadas e invisibilizadas com o uso do que Dejours (1997) vai chamar de *tapa-buraco*¹ que atua como substituição diante do que está prescrito e do que a realidade apresenta. O *tapa-buraco* apresenta-se nas IES privadas como um “*professor-coringa*” que irá dar conta de um trabalho que é negado por outros trabalhadores.

[...] eu sempre fui, vamos dizer, um professor coringa pra tudo assim, então precisava de uma disciplina e ninguém queria pegar me chamavam, e eu sempre fui muito disponível pra pegar, bah tem que fazer, vamos lá eu vou fazer, não tem dia ruim comigo assim sabe, ia lá e fazia, [...].

[...] às vezes prof. iniciante tem o currículo muito melhor do que pessoas que já está lá, mas é prof. iniciante, ele é visto como alguém menor assim, eu ganhei todas as buchas, que a gente fala, as piores disciplinas, os piores horários, a gente não tem como escolher, eu até tive sorte de não ter aula na segunda-feira, mas o que sobrasse eu teria que pegar e tanto que sobrou coisas depois que eu tive que pegar no meio de setembro, [...] então é muito desagradável assim, a desorganização também, esses processos burocráticos deveriam... [...].

A aceitação do trabalho docente demonstra, por um lado, o comprometimento que os professores têm com a instituição de ensino quando concordam em ministrar aulas, muitas vezes, em cursos tão diferenciados, o que exige um tempo maior de preparação e estudo, especialmente quando se trata de uma disciplina que não foi ministrada antes.

[...] desde o início que eu entrei lá, eu dei aula pra sete, eu, eu entrei dando sete disciplinas e eu dava pra seis cursos. Pra ti ter uma ideia, no primeiro semestre eu tinha 450 alunos [...] então eu dava pra T.O. Design, Enfermagem, Direito, ahm, Terapia Ocupacional, Administração...

[...] é bastante, é bastante cansativo tu toda hora tem que tá preparando cadeira nova. É muito bom quando tu pega uma cadeira que tu já deu, tu já sabe. [...] Esse semestre, a minha carga horária aumentou, era 16 horas, mas as cadeiras que eu peguei são cadeiras que já estão mais ou menos

¹ Grifos do autor (DEJOURS, 1997).

organizadas. Então tá sendo, essas cadeiras novas, uma situação, o meu problema. O meu maior problema são as que eu dei semestre passado, que eu tô tendo que reorganizar, realmente todo material [...].

[...] então, é um esforço bastante grande, digamos assim, pra preparar uma aula e pra preparar o aluno pra poder entender aquela dinâmica de aula, estou com os bracinhos, com os dedinhos cruzados querendo que o semestre que vem me deem as mesmas disciplinas para poder baixar um pouco o nível e me dedicar mais pra pesquisa [...].

É, uma disciplina nova. Eu tive uma disciplina nova no semestre passado, aí, supercomplicado, porque o quê que a gente faz, a gente acaba preparando a aula, assim, tu faz mais ou menos e depois vai revisando a cada semestre e vai melhorando assim, porque senão não dá [...].

Dessa maneira, evidencia-se que a carga horária de trabalho, independente do tipo de contratação, “é pesada”, pois se configura a partir de um excesso de atividades que toma o tempo de extra trabalho e desencadeia impactos na saúde dos docentes, conforme veremos a diante.

[...] se tu pegar agora outros professores os quais eles são tempo integral e sempre foram de tempo integral tu vai ter uma outra sensação também [...] agora tu vai notar que para todos eles a carga horária nossa é pesada eu acredito que todos que tu entrevistastes [...] pelo menos dez horas dia é natural eu acho que é algo bem comum tu vê eles tendo atividade de tudo que é jeito então isso é bem puxadinho...

Essas 20 horas são em sala de aula. 20 horas em sala de aula. Então... Porque, aí entra o regime da casa. Às vezes tu consegue algumas horas botar pra TCC ou coisas assim. Então esse semestre eu tô com 20 horas em sala de aula... bem pesado...

Este cenário de trabalho na academia produz uma sobrecarga de trabalho o que ocasiona sofrimento, chegando muitas vezes a um nível de desgaste físico e mental. Nas palavras de uma entrevistada, “É uma experiência de dissecação”, pois a instituição busca “sugar o máximo” da energia do trabalhador docente.

Por outro lado se puderem tirar o meu sangue de canudo, então não tenha dúvida, [...] sabe quando tu sente, então assim, eu tô sendo dissecada, era a palavra que eu tinha [risos], [...] É uma experiência de dissecação, eu acho que é isso, porque se eles podem te tirar tudo eles vão tirar, então é assim, é a forma entendeu, tu tá aí e a gente vai aproveitar o que você tem então... [...] então, eu acho um pouco isso, então às vezes sim, às vezes eu me sinto cansada, e dissecada mesmo... é isso aí eu não tenho mais ideia.

[...] então, eu acho que a instituição pensa muito nela e ela não tem tantos benefícios para o funcionário assim, pro professor, pro funcionário talvez seja

um pouco diferente, mas eu acho que também tem um lance de, de sugar o máximo e tal, [...].

E... no mais é assim, é tentando organizar, porque é muita coisa... sinto uma sobrecarga... Mas é um pouco em função do que eu me propus a fazer.

Dessa forma, percebe-se pelos comentários dos professores que essa não visibilidade do trabalho extraclasse provoca uma sobrecarga de trabalho que acaba sendo desenvolvido em outros tempos que poderiam ser dedicados à família, lazer, convívio social e a cuidados com a saúde e si próprio. Isso limita muito o convívio social e familiar, afastando, muitas vezes os vínculos afetivos que são construídos fora do trabalho.

O tempo dedicado às relações familiares fica fortemente comprometido, pois além da sobrecarga de trabalho, muitas vezes nos horários que possibilitariam a convivência familiar, os docentes estão trabalhando, o que se torna difícil de conciliar especialmente durante a semana (LOPES; MANCEBO, 2004), como podemos ver nas falas abaixo:

[...] então durante a semana é um problema na verdade assim, eu tenho um filho de um ano e nove, outro de quatro e dois e três, são uma época em que eles exigem bastante é natural... ahm, durante a semana eu acabo tendo um contato bem mais reduzido com eles então [...] e aí sobrecarrega também a minha esposa que tem que também dá conta das atividades, [...] enfim a parte familiar fica um pouco ahm... um pouco devendo eu vou dizer assim, ao longo da semana tentando minimizar isso no fim de semana tendo mais contato com eles, embora eu esteja cansado [risos] mas aí a gente quer descansar e eles querem brincar... isso sobre o ponto de vista da família [...].

[...] minha mãe já faz mais de mês que eu não vejo ela, isso eu nunca imaginei que fosse acontecer, a gente vinha de um vínculo muito intenso sabe, minha família se via bah todo dia, [...] quando eu vejo eles é coisa rápida, [...] agora nem isso eu consigo fazer, nem vejo eles mais, nem sei como é, como é que eles estão assim, isso é pesado, isso talvez seja uma das coisas mais... mais pesadas pra mim é isso assim sabe que é a ideia de, de tá distante da família de tá... [...] então isso é pesado... [...].

Estudos diversos sobre o trabalho docente indicam que esta atividade produz consideráveis níveis de estresse o que reflete de forma negativa no corpo e na psique destes trabalhadores (ZARAGOZA, 1999; CODO, 1999). O mal-estar docente se refere a uma sensação de mal-estar generalizado, um incomodo não definível, indicando algo que vai mal, mas que não consegue se localizar exatamente ou dizer o que é. Assim, o que provoca este mal-estar são situações constantes de tensão e estresse.

Como consequência da sobrecarga, inevitavelmente, esta vida dedicada quase que totalmente ao trabalho produz impactos na saúde física e psíquica dos professores. Os

maiores prejuízos que o trabalho docente acarreta na saúde física dos docentes se referem a influências no sono, na alimentação, problemas de voz e aumento de peso destes trabalhadores, conforme as falas abaixo descrevem.

Olha eu tô tentando agora na volta da licença conciliar um pouco mais assim, não ficar tão preocupado, estressado como eu tava, porque só pra ti ter uma ideia desde que eu comecei o mestrado que eu comecei a lecionar, [...] eu tinha engordado 25 quilos [...].

[...] uma coisa que eu notei assim, que eu acho importante te dizer, que eu brinco com as pessoas, que eu envelheci assim [risos] nesses dois três anos... claro, acho que eu envelheci, acho que essa coisa de se preocupar, né, às vezes num certo excesso, de se preocupar mais do que deveria, de não relaxar com as coisas, [...].

Eu sinto que a minha saúde piorou bastante, eu sinto que... eu me sinto constantemente cansada, eu sinto que eu durmo muito mal, eu adoeci da voz seriamente duas vezes [...]

[...] Às vezes, eu tenho dificuldade de chegar em casa e dormir, por exemplo. [...] porque tu tá uma pilha, tá na adrenalina, custa um pouco, às vezes eu vou dormir duas, três da manhã, porque eu fiquei sem sono e aí, ah, eu vou olhar uma televisão, fazendo alguma coisa pra ver se eu relaxo um pouco, [...] e aí acaba que eu não consigo acordar cedo e não consigo fazer minhas coisas no outro dia cedo, então, vira uma bola de neve assim. [...].

Além disso, estes impactos se manifestam como somatizações que ocorrem como uma válvula de escape, uma forma que o corpo responde às exigências e à sobrecarga de trabalho presente no cotidiano dos professores. A saúde mental também é afetada e isso faz com os professores investigados passem a desinvestir na carreira acadêmica, podendo até mesmo manifestar sintomas ou até mesmo quadros clínicos ligados a depressão e ansiedade.

Saúde física completamente ruim [...] Na saúde mental, em termos de saúde mental essa coisa assim de frustração, isso leva a uma desmotivação, num primeiro passo a uma desmotivação, num segundo passo a um conformismo e talvez num estágio mais avançado a uma depressão [...].

Estressada. Eu acho que eu sou estressada, eu sou ansiosa, eu sou nervosa com os tempos, com os ritmos, que eu perco tempo, [...] mas daí tu põe em risco a minha segurança no trânsito, a minha saúde mental, porque daí eu já fico estressada, nervosa, ansiosa, e aí é claro que eu não chego no horário [...] Então acho que isso compromete por tabela o sono, a qualidade de vida de lazer por que daí demora a baixar, demora a aproveitar as coisas boas, tu tem que tentar te desligar um pouco, e aí é complicado...

[...] então o que eu tava vivendo era estresse muito alto, o estresse continua, continuo vivendo [...] e é isso e esse estresse acho que me desestrutura muito, me desorganiza muito, daí me desorganiza em todos os sentidos da minha vida

assim, sabe, porque ele me toma muito tempo, ele me consome muita energia sabe, eu gasto muita energia tentando dar conta dele, isso me acaba, me fragilizando demais, e eu acho que é em função disso que eu começo a ter debilidade orgânica assim, crise renal, pressão alta, problema de pele, ahn... tive, por exemplo, assim, esses tempos inflamação de tendões, bah eu nunca tinha tido essas coisas, o que eu começo a achar estranho é que eu nunca tinha tido nada, sabe, nunca tive problema nenhum, aí de repente começa, aí um atrás do outro sabe [...].

[...]às vezes eu chego a pensar que talvez eu esteja entrando quase que num processo meio depressivo sabe, acho que não tô uma depressão, [...] por essa coisa, por tá mais triste com as coisas do mundo, não se empolgar mais tanto como eu me empolgava antes, não fico mais sorrindo a toa que nem eu sorria antes [...] e aí tem muito a ver com o ambiente de trabalho, [...] então o trabalho hoje tem muito a ver com, com o processo de adoecer tanto do ponto de vista psíquico, quanto físico [...].

Conforme pode ser percebido nos relatos o sofrimento no trabalho, quando chega a níveis exacerbados desenvolvem no corpo doenças psicossomáticas e altos níveis de tensão que são denominados como estresse pelos docentes. Sintomas ansiogênicos, depressivos e de esgotamento também são relatados pelos docentes a partir da vivência do cotidiano acadêmico que exige intensamente do corpo e do psiquismo destes trabalhadores. Assim, observa-se o quanto o trabalho nas universidades afeta o emocional desses trabalhadores.

[...] uma outra coisa que o pessoal fala muito assim é que eu tô sempre fui uma pessoa muito faceira sabe, que eu sempre tá sorrindo muito fácil assim, de bem com a vida, [...] e hoje o discurso que eu escuto, tipo esse ano é o contrário disso sabe, “bah, cara tu tá sempre triste, tu tá sempre pra baixo, o que tá acontecendo, tu tá te afundando...”, então isso tá me pegando do ponto de vista psicológico muito forte, fiz uma descrição física dos adoecimentos, mas acho que psiquicamente tá pesando demais... às vezes eu chego a pensar que talvez eu esteja entrando quase que num processo meio depressivo sabe, acho que não tô uma depressão, [...] por essa coisa, por tá mais triste com as coisas do mundo, não se empolgar mais tanto como eu me empolgava antes, não fico mais sorrindo a toa que nem eu sorria antes [...] e aí tem muito a ver com o ambiente de trabalho, com o local, com essa coisa de desautorização, de sabotagem e aí isso é central, né com a desorganização do espaço, [...] então o trabalho hoje tem muito a ver com, com o processo de adoecer tanto do ponto de vista psíquico, quanto físico [...].

Como pode ser observado por meio dos relatos dos entrevistados, a jornada de trabalho causa uma sobrecarga que faz com que os professores praticamente limitem suas vidas ao trabalho, não conseguindo conciliar de modo equilibrado a convivência família, lazer, cuidados com a saúde e com si mesmo, entre outros aspectos importantes para viver de forma saudável. Essa excessiva dedicação ao trabalho, exigida pelo trabalho docente

no contemporâneo, faz com que o corpo e mente padeça fazendo emergir os mais adoecimentos.

Fatores como jornada de trabalho, excesso de atividades, pressão de chefias e colegas de trabalho, assédio moral no trabalho, relação com chefias, colegas professores, pais e alunos, estão entre os principais geradores de agravos à saúde física e mental dos professores (DIESAT, 2009).

Dessa maneira, percebe-se pelos comentários dos professores que essa não visibilidade do trabalho extraclasse provoca uma sobrecarga de trabalho que acaba sendo desenvolvido em outros tempos que poderiam ser dedicados à família, lazer, convívio social e a cuidados com a saúde.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho docente é composto por um universo diverso e paradoxal. Ao mesmo tempo que os professores universitários são trabalhadores qualificados e que, para o imaginário social possuem um bom *status* social, remuneração elevada e um trabalho, por assim dizer, elitizado, são exigidos de uma maneira desconhecida por grande parte da população. Suas atividades laborais extrapolam as portas da universidade, sendo que o trabalho no domicílio foi incorporado e até mesmo banalizado pelas instituições e até mesmos pelos próprios docentes.

Ao percebemos que o tempo de trabalho na instituição de ensino invade os momentos de não trabalho, observa-se o comprometimento de uma classe que se encontra em sofrimento para dar conta das demandas que lhes são colocadas. Isso pode ser explicado pelo fato de que o trabalho em momentos de descanso como finais de semana já é considerado pela categoria, de modo geral, e pelas instituições como uma característica da profissão. Não há um estranhamento ou um questionamento a não ser em espaços individualizados como este de pesquisa.

Dessa forma, percebe-se que, com urgência, o novo modelo de organização do trabalho que vem se configurando a atividade docente, seja ela no âmbito público ou privado, básico ou superior, deve ser repensada, buscando transformar o trabalho em processo de realização pessoal e não apenas sofrimento e adoecimento. Esta mudança passa por iniciativas institucionais, mas também por um engajamento coletivo que deve partir tanto dos próprios docentes, quanto dos órgãos representativos como sindicatos e

associações quanto pelos próprios pesquisadores que tem como objetivo evidenciar esta realidade por vezes camuflada.

REFERÊNCIAS

Arroyo, M. G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Basso, I. S. *Significado e sentido do trabalho docente*. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 44, 1998.

Bendassolli, P. F. e Soboll, L. A. P. (org). *Clínicas do Trabalho*. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2010.

Codo, W. *Educação: carinho e trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CARDOSO, A. C. M. *Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: disputas em torno da jornada do trabalhador*. São Paulo: Annablume, 2009.

Cardoso R. C.L; Sampaio H. Estudantes universitários e o trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 1994. p.30-50.

Cogo, P. S. F. *Demissão: uma ruptura na trajetória profissional de professores do ensino superior privado*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 227 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

Dejours. C. *O fator humano*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Dejours, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

Dejours, C.. In: Lancman, S.; Sznelwar, L. I. (Org). *Christophe Dejours - Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, Brasília: Paralelo, 2004a.

Dejours, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, São Paulo, v. 14, n. 3, dez. 2004b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365132004000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: jan. 2012.

DIESAT – Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho. *Condições de Trabalho e Saúde dos trabalhadores nas instituições de ensino privado do Rio Grande do Sul*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.feteesul.org.br/especial/saudeEnsinoPrivado/pdf/informeProfessoresAgo2009.pdf>>. Acesso em: jan.2012.

Freitas, M. E., Heloani, R. e Barreto, M. *Assédio moral no trabalho*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

Fernandes, C. ; Grillo, M. *Educação Superior: travessias e atravessamentos*. Canoas. Editora da ULBRA. 2001.

Heloani, R. e Lancman, S. *Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação*. *Revista Produção*, v. 14, n. 3, pp. 077-086 (set/dez) 2004.

Lopes, M. C. R.; Mancebo, D. Trabalho Docente: compressão temporal, flexibilidade e prazer? *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 13, n. 24, p. 138-152, 2004.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

Mancebo, D. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 20, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722007000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jan. 2012 .

Mancebo, D.; Goulart, S. M S; Dias, V. C.. *Trabalho docente na UERJ (1995-2008): intensificação, precarização e efeitos de subjetivação*. In: SEMINÁRIO PARA DISCUSSÃO DE PESQUISAS E CONSTITUIÇÃO DE REDE DE PESQUISADORES, 2., 2010, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos... Rio de Janeiro: IUPERJ, 2010. Disponível em: <http://nupet.iesp.uerj.br/arquivos/Mancebo-Goulart-Dias.pdf> Acesso em: 26 out. 2010.

Mendes, A. M.; Araújo, L. K. R. *Clínica Psicodinâmica do Trabalho*. 1. Ed. Brasília: Ex-Libris, 2011.

Marx, K. *O capital*. (Reginaldo Sant'Anna, Trad.) São Paulo: Diefel. 8a ed., Livro 1, vol. 1, 1982.

Mello, E. M. B. *A política de valorização e de profissionalização dos professores da educação básica do Estado do Rio Grande do Sul - (1995-2006): convergências e divergências*. Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de doutorado, 2010.

Minayo, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4 a ed. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1996.

Minayo, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. de S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 9-29.

Sevcenko N. *O professor como corretor*. Folha de São Paulo, Caderno Mais, p. 6-7, 4 jun, 2000.

Zaragoza, J. M. E. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3ª ed., Bauru: Edusc, 1999.